

02/09/2009 - 01h09

"Greenbuildings", o desafio da construção civil

Por Fabrício Ângelo, da Envolverde - especial para o Instituto Ethos

Os prédios verdes, que começam a ganhar mercado na Europa, ainda estão longe de ser uma realidade no Brasil.

Num futuro próximo, a indústria da construção civil deverá estar preparada para adotar inovações tecnológicas eficientes para reduzir os impactos ambientais de suas atividades, de acordo com Charles Kibert, diretor do Powell Center for Construction and Environment e professor da Universidade da Flórida (EUA), que falou aos participantes de simpósio sobre o tema, realizado recentemente pelo Conselho Brasileiro de Construção Sustentável (CBCS), em São Paulo. "Já está na hora de começarmos a pensar em modelos de baixa emissão de carbono e com eficiência energética. Não há mais tempo para esperar", ressaltou o especialista.

Segundo Kibert, a crescente procura por projetos de greenbuildings mostra que há mercado para esse tipo de empreendimento. "Países como Alemanha e Suécia já estão produzindo uma segunda geração de prédios verdes, que diminuem a utilização de materiais provenientes de combustíveis fósseis. Se não nos redeseharmos, vamos desaparecer", alertou.

Ainda na opinião do professor, os Estados Unidos, maior responsável pelos níveis atuais de concentração de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera, já começaram a discutir planos contra o aquecimento global, o que representa um grande passo. "Os países emergentes também devem tomar atitudes, mais simples, talvez, mas que demonstrem a consciência de que também são responsáveis pelas mudanças climáticas", falou.

Nos países desenvolvidos são investidos mais de US\$ 35 bilhões anuais em empreendimentos sustentáveis. Mesmo assim, há dificuldades para o desenvolvimento desses projetos, principalmente por causa da sua cadeia de fornecedores. "Os materiais de baixo impacto ainda não têm uma boa qualidade. Acredito que o ideal é criarmos uma certificação que identifique os prédios sustentáveis", sugeriu.

Kibert também destacou a importância da integração entre o empreendimento e o ecossistema para a preservação de um ambiente equilibrado, o que só pode ser feito por meio de uma política de reutilização e reciclagem. "Essa sinergia é fundamental para a redução de emissão de CO2 e, nesse caso, as políticas públicas e regulamentadoras são imprescindíveis para implementarmos construções mais eficientes e sustentáveis", declarou.

Vanderley John, professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), que também participou do encontro, concorda com Kibert, mas ressalta que falar de material de construção sustentável ainda é uma especulação. Para ele, "o Brasil ainda está muito atrasado na questão da política ambiental, principalmente no que diz respeito às mudanças climáticas e, por consequência, nossa indústria da construção também está", afirmou.

John destacou que a tecnologia veio para facilitar a vida do ser humano, mas os construtores são muito temerosos de mudanças muito radicais. "Hoje, é somente graças aos fornecedores que algumas mudanças estão sendo incluídas na agenda dos empresários. Mesmo assim, são mudanças lentas e para o futuro", disse.

Para ele, o aquecimento global é uma realidade, mas o Brasil ainda está atrasado na adoção de medidas que amenizem seus agentes causadores, apesar dos avanços verificados este ano. Em sua opinião, "precisamos rediscutir alguns planos do governo, como o Plano Decenal de Expansão de Energia lançado este ano, que, se mantido da forma como está, quintuplicará a emissão de gás carbônico nos próximos anos".

Outro ponto defendido pelo professor da Poli foi a da utilização de materiais alternativos para a construção civil, menos emissores e mais rentáveis. "Temos diversas pesquisas sobre insumos da construção civil que podem ser economizados ou modificados, como o cimento", disse.

A questão da madeira

Apesar de a madeira representar apenas 1% do total de uma edificação, é preciso que as empresas atentem para a origem desse material, evitando tornar-se cúmplices do desmatamento, hoje maior gerador de emissões de CO2 do país. "Como ponta da cadeia produtiva, as construtoras devem exigir as qualificações necessárias de seus fornecedores", alertou.

Vanderlei John ressaltou também a necessidade de políticas públicas que incentivem a criação de empresas madeireiras com certificação de manejo. "Hoje temos cerca de 200, mas ainda é muito pouco para um país que tem a construção civil como seu maior mercado de mão-de-obra. Hoje 43% da madeira utilizada nos empreendimentos são de origem ilegal, e isso tem que acabar", disse.

Para John, é preciso inovar, buscando reduzir a utilização dos recursos naturais, já tão escassos. "A indústria de base deve seguir pelo caminho da sustentabilidade, por meio do planejamento estratégico de sua cadeia produtiva, utilizando materiais mais duráveis e reutilizando resíduos. Desse modo, evitaremos que daqui a dez ou vinte anos estejamos emitindo 70% mais de GEE do que já emitimos hoje", falou.



Também palestrante, Brandon Haw, sócio da Foster + Partners, empresa inglesa de arquitetura, conhecida pelas gigantescas estruturas metálicas usadas nas construções de prédios, destacou a intensificação da migração para as cidades como um dos fatores que têm pressionado as exigências de medidas sustentáveis imediatas. "A arquitetura há muito tempo já vem pensando em inovações que tornem as construções menos impactantes. Alguns países só aceitam os novos empreendimentos se forem de acordo com regras de menor consumo", falou.

Essa nova maneira de pensar as estruturas tem como inspiração a infraestrutura integrada, que opta pela economia de recursos em lugar da beleza arquitetônica. "A idéia é criar bairros inteiros com esse conceito, onde a pessoa more, trabalhe e se divirta sem necessidade de usar demasiadamente o carro. É o chamado car-free. Trata-se de uma engenharia mais inovadora, que sai da mesmice", afirmou.

Vantagens econômicas

Segundo o arquiteto, essas construções, embora com custo mais elevado, têm atraído mais clientes, preocupados com as questões ambientais e sociais. "Apesar de seu impacto financeiro inicial, é possível recuperar o investimento no longo prazo, por meio da economia gerada pelo empreendimento com o consumo de água e luz, ou com o aluguel", lembrou.

Brandon Haw também destacou a vontade dos novos empreendedores de utilizar métodos menos impactantes em suas obras. "Já é uma tendência diminuir a exploração dos recursos pensando na economia de baixo carbono que está por vir. Nós podemos fazer a diferença", finalizou.

Edição de Benjamin S. Gonçalves

(Envolverde/Instituto Ethos)

© **Copyleft** - É livre a reprodução exclusivamente para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

Desenvolvido por **AW4 Tecnologia**



Comentar **Imprimir** **Enviar**